

## A Voz (timbre) como manifestação de preconceito



<https://doi.org/10.56238/futuroeducpesqtrans-038>

### Vera Lúcia Silva dos Santos

Mestranda em Educação e Diversidade na Universidade do Estado da Bahia – UNEB- Campus-IV

### Maria José Souza Pinho

Profa. doutora Adjunta/Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa, Ensino e Extensão em Biologia/LIPEEBIO/UNEB-Senhor do Bonfim – Bahia

### RESUMO

Neste artigo procuramos discorrer sobre o silêncio imposto por conta do timbre de voz. Voz que silencia; que destoa do padrão cultural homem/mulher. O que leva, segundo análises de narrativas colhidas em “ouças” - pesquisa sobre os

preconceitos sofridos pela população LGBTQIA+ realizada em uma escola da rede pública estadual, na Bahia, a sofrer preconceito, por conta da voz (timbre), atribuído à voz feminina. Este texto é um recorte da pesquisa de mestrado, procurando compreender como ocorrem os diversos tipos de preconceitos. Durante a pesquisa, algumas falas dos participantes evidenciaram o quanto o silenciamento para não evidenciar suas falas e sofrer discriminação, como também evidenciam que a voz máscula (tida como padrão), seria um passaporte para ser aceito e se enquadrar nos padrões estabelecidos em que a voz é atribuída de acordo com o gênero aceito. Sob um contexto de análise de discurso.

**Palavras-chave:** Gênero, Silenciamento, Vozes estereotipadas.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo nasce de uma das “Ouças”<sup>1</sup>, escuta de narrativas, etapa da pesquisa denominada “Apurando as “ouças” - escuta para uma educação pautada em diversidade de gênero e direitos humanos, pesquisa realizada em uma escola da rede pública do Piemonte da Diamantina, com objetivo de discutir direitos humanos da população LGBTQIA+, no contexto da escola.

Escrever sobre o silenciamento devido ao timbre de voz, de pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQIA+, surge na pesquisa como uma vertente bastante interessante para ser analisada, uma vez que no ideário, na construção exterior ao indivíduo também vem com caráter coercitivo, que dificulta as relações sociais.

A temática escolhida para desenvolver a pesquisa, vem da preocupação de como estudantes que fazem parte da comunidade LGBTQIA+ de uma Escola da Bacia do Jacuípe III, no Estado da Bahia, convivem com preconceitos, e como eles compreendem como os Direitos Humanos, amparam, resguardam e buscam efetivar as garantias tidas como direitos fundamentais para o pleno exercício da cidadania. De acordo com esses objetivos foi realizada a pesquisa, buscando através das “Ouças”,

<sup>1</sup> O termo “ouças” se refere a escuta dos participantes da pesquisa, compreendendo rodas de conversas - presencial; bate-papo via google Meet, da pesquisa intitulada Apurando as “ouças” – escuta para uma educação pautada em diversidade de gênero e direitos Humanos.



assim denominados os encontros, onde foi coletado o material para a compreensão das narrativas. O aporte teórico deste recorte vem de Eni Orlandi (2007); Neumann (2018), e outros.

Partindo desses pressupostos, fomos em busca de estudantes e professores que estivessem interessados em participar da pesquisa, dentro dos critérios estabelecidos, e professores que estivessem em pleno exercício de suas atividades na escola. Alguns estudantes, participaram por adesão, em virtude de não estar dentro dos critérios estabelecidos, ou seja, ser estudantes dos primeiros e últimos anos das diversas modalidades de ensino oferecidos pela escola de formação técnica, abrangendo ensino médio, ensino juvenil, ensino integral, Educação de Jovens e Adultos – modalidade (Proeja) – médio; modalidade subsequente (Prosub). A coleta das narrativas, se deram em quatro encontros, presenciais, e também via *WhatsApp*, onde em cada encontro foi usado um disparador, para deslançar as discussões.

A partir das “Ouças” foi delineando como os atores que compõem o espaço escolar são carentes de informações acerca da população LGBTQIA+, no que concerne às diversidades, identidades de gênero e direitos, numa perspectiva específica de mapear e reconhecer as diversidades; identificar as falas que emergem nos corredores, mas não emergem nas salas de aulas sobre os preconceitos sofridos pelos estudantes, em especial aqueles que fazem parte da população LGBTQIA+, como são tratados no cotidiano da escola, por seus, pares, professores, e todo o corpo efetivo do colégio.

### 1.1 A VOZ NUMA CONDIÇÃO DE GÊNERO

A questão da voz (timbre) surge em momentos das escutas das narrativas, quando alguns participantes relatam o timbre da sua voz, como motivo para ficar em silêncio; para evitar se manifestar, bem como para reforçar que pessoas, declaradamente, *gay*, nem parecia “ser” por ter voz de “homem”.

Durante as narrativas foram mapeados vários tipos de preconceitos, e para esse texto nos debruçaremos em discutir o preconceito relacionado ao timbre de voz. Na oportunidade, um dos participantes, professor da rede estadual e municipal, traz em uma das suas narrativas: [...] “a fala, acaba entregando quem são. Aí vem aquela coisa perversa[...], a fala acaba revelando a própria orientação sexual. Então, muitos se calam, muitos se calam...” (Azul, 2023)<sup>2</sup>. Grifos nossos

Esta frase fez percorrer todos os neurônios em uma fração de segundos e fazer uma viagem. Uma viagem entre o dentro e o fora de nós, num movimento de instabilidades; de dúvidas, talvez numa interpretação Deleuziana, num movimento de dobras: “O lado de fora não é um limite fixo, mas uma matéria móvel, animada de movimentos peristálticos, de pregas e de dobras que constituem um lado

---

<sup>2</sup> Azul é uma identificação dos participantes da pesquisa e foi associada às cores de forma aleatória. Cada participante, usa o pseudônimo associado a cores.



de dentro: nada além do lado de fora, mas exatamente o lado de dentro do lado de fora” (Deleuze, 2005, p. 104).

Como o exteriorizar pode trazer subjetivações, interpretações que levam ao preconceito em várias formas e fazem as pessoas se dobrarem de acordo com as circunstâncias, são reflexões que nos levam à vários caminhos.

Bem como nos levou a recorrer a outras informações para entender como somos atravessados por informações que se diluem e se transformam em novas interpretações; como somos atravessados, por diversas informações, [...] o fora é uma permanente agitação de forças que acaba desfazendo a dobra e seu dentro, diluindo a figura atual da subjetividade até que outra se profile” (Silvia Rolnik, 1997, p. 2).

Como algumas pessoas nos despertam, por conta de uma voz grave, sedutora, marcante, nos transportamos para algumas vozes:

Boa noite! (William Bonner).<sup>3</sup>

Meu nome é Bond! James Bond (007).<sup>4</sup>

Eu tenho força! (He-Man).<sup>5</sup>

Todas essas vozes marcam, marcaram, imediatamente, conseqüentemente, associadas à masculinidade, a ser literalmente, macho/homem.

Reportamos a algumas experiências em sala de aula, que reforçam os estereótipos criados por alguns alunos, quanto à voz que agrada aos ouvidos. Em determinada atividade, realizada em uma aula de Geografia para alunos do Ensino Médio, há alguns anos; atividade em que alunos deveriam responder quem eles colocariam no “paredão”; uma alusão a um dos quadros do *Big Brother*<sup>6</sup> (Programa de entretenimento da Rede Globo), como exemplo, um dos alunos respondeu que colocaria no paredão a professora que fala “miando”. Posteriormente, foi identificado, o que seria o “miado”. Aquele timbre, que costumamos chamar de voz fina, esganiçada, estridente, chata! Um rosário de denominações. Foi uma surpresa, pois o objetivo da quela atividade que fora proposta estava relacionada a outras questões sociais como violência, desemprego, fome, enfim, questões pertinentes àquelas discussões para que os alunos compreendessem o assunto sobre população. Porém, ali, naquele momento não tivesse sido dada à devida importância, que se encaixaria como uma das formas de

---

<sup>3</sup> William Bonemer Júnior, mais conhecido como William Bonner, é um jornalista, publicitário e apresentador de telejornais brasileiro. É editor-chefe e apresentador do Jornal Nacional, da TV Globo.

<sup>4</sup> He-Man é o personagem principal da linha de brinquedos Masters of the Universe da Mattel, presente em uma série de histórias em quadrinhos e várias séries animadas, caracterizadas pela sua força sobre-humana. Na maioria das variações, ele é o alter ego do Príncipe Adam.

<sup>5</sup> James Bond é um personagem fictício criado pelo escritor Ian Fleming em 1953. Bond é um agente secreto do MI6 que também responde pelo codinome 007.

<sup>6</sup> Um grupo de pessoas topa ficar confinado em uma espaçosa casa cenográfica, sendo vigiado por câmeras 24 horas por dia. Sem receber informações do mundo exterior, eles disputam uma série de provas e dinâmicas em busca de um prêmio milionário



preconceitos sofridas, e que sobressai de forma, bastante evidente em uma pesquisa de um mestrado profissional em educação e diversidade

## 2 METODOLOGIA

O método usado para a escrita do presente artigo foi análise de narrativas e análise de discurso, embasado em Eni Orlandi (2007). Para robustecer a pesquisa utilizamos a metodologia qualitativa, com pesquisa narrativa e análises de narrativas, embasados nos pressupostos da pesquisa narrativa, que leva em consideração através das histórias contadas de diversas formas pelos participantes de uma pesquisa. Maria Helena Abrahão (2013) ajuda a traçar uma interpretação das vivências, de suas singularidades que podem vir a traduzir os aspectos sociais relevantes. Foi usado Escuta Ativa e Escuta Sensível, como técnica.

As narrativas possibilitam uma melhor interação; falas mais livres sem perguntas pré-estabelecidas em um contexto em que a própria história de vida é a base para analisar e desenvolver a escrita da pesquisa. Flick (2013) adverte, levando em consideração que as pessoas participantes da pesquisa certamente se sentirão mais à vontade ao participar partindo da oportunidade de falar livremente de uma determinada situação, e em especial a questão de gênero sendo ela tão delicada e tão pouco discutida. Assim, “as narrativas permitem, dependendo do modo como nos são relatadas, analisar as experiências vividas nas trajetórias de nossos informantes. (Maria Helena Abrahão, 2013, p. 81). A análise de discurso foi usada como ancoradouro, como suporte para uma melhor compreensão, pois possibilita correlacionar com contextos sociais, no caso em vertente, como esses sentidos foram construídos em alguns dos participantes, no caso o de silenciar, conforme narrativas trazidas em suas falas e que possibilitaram aliar análise de discurso com análise das narrativas.

As “ouças” foram gravadas, posteriormente, transcritas, e a partir daí surgiram categorias. Fizemos um recorte, para analisar a categoria “tipos de preconceitos”, subcategoria: voz; timbre; silêncio.

### 2.1 SER SILENCIADO – CONTEXTO SOCIAL

Bom, por qual motivo, em uma pesquisa sobre diversidade de gênero e direitos humanos, surge como sinônimo do preconceito sofrido por pessoas trans; *gays*, lésbicas, ou outras orientações, externar sua voz e ser “descoberto”, na sua orientação, identidade de gênero?

Em uma das discussões das rodas de conversas, surgiu o assunto, o despertar para esta vertente. Após recebermos de um dos participantes o livro *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*, de Eni Orlandi, este passou a ser uma das fontes embasadoras das análises daquela “Ouça”, naquele momento. A partir daí, surge a percepção de como seria proveitoso usar para fundamentar uma das



categorias que apareceram no bojo da pesquisa, a exemplo, o preconceito relacionado ao timbre de voz, que faz com que alguns alunos, fiquem em silêncio, evitando participar das discussões orais.

A discussão sobre voz - o timbre, preconceito, exclusão, surgem por conta do disparador que foi usado em uma das “Ouças”<sup>7</sup> o filme *Alice Junior* (2019)<sup>8</sup>, que retrata uma aluna trans - Alice Júnior, que sofre transfobia<sup>9</sup> - direta e indireta; xenofobia, (ela é nordestina e foi morar em uma cidade do Sul do Brasil).

Foram usados durante as “Ouças” três disparadores, sendo um deles o filme *Alice Junior*, que nesse trabalho, por conta da observação de um dos participantes, é um dos é objeto desse recorte da pesquisa, que, após uma análise das narrativas, também, a questão voz (timbre) é citada por mais participantes, e assim, essencial analisarmos.

O filme *Alice Júnior*, também pode nos remeter em alguns momentos a Alice no País das Maravilhas (2010), Alice Junior, rodeada por pessoas preconceituosas, indelicadas, e ela no meio com sua alegria, suas tristezas, próprias de uma adolescente buscando aceitação. Extravagante na sua forma de vestir, falar, em seu mundo mágico, permeado de cores e simbolismos, onde Alice tem o amor incondicional de um pai e consegue transformar todos à sua volta.

Mas, por outro lado, a xenofobia está presente, Alice, sim, é nordestina do Re-ci-fe, a voz, conforme (Azul, 2023), “essa fala reveladora, tanto na condição de regional, quanto também da orientação sexual, vem à tona!”. Nesse caso temos as duas situações: a voz com sotaque marcante, nordestino, como costumamos falamos cantando e a voz (timbre), fino, agudo, atribuído ao feminino.

Muitos se calam para não deixar transparecer, pois, a voz, o timbre seriam reveladores da sua orientação sexual e isso o levaria a passar por muitos preconceitos. Nesse sentido, “[...] o silêncio não é mero complemento de linguagem. Ele tem significância própria.” (Eni Orlandi, 2007, p. 23). Nessa seara foi observado que, “[...] muitos meninos que têm o trejeito, traço assim, de... que revelam a orientação sexual, eles são muito silenciados; eles são muito calados. Naturalmente, são muito calados, evitam leituras, evitam certas comunicações [...]” (Azul, 2023).

Nesse mesmo sentido, pode verificar-se que o silêncio tem sentido(s) significado/ significados.

### 2.1.1 Falar e se expor – preconceito faz silenciar

Algumas considerações, quanto ao silêncio trazido por alguns dos participantes da pesquisa, como medo de ser exposto/exposta, identificado/identificada pelo timbre de sua voz aguda/grave, o que identificaria uma voz masculina/feminina, em corpos marcados pelo preconceito.

---

7.” Ouças” denominação dada a cada encontro para escuta dos participantes da pesquisa narrativa e está relacionado a ouvir.

8 Filme com direção de Gil Baroni. ADORO CINEMA. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-277513/>. Acesso em 29 de maio de 23.

9 A transfobia é uma gama de atitudes, sentimentos ou ações negativas, discriminatórias ou preconceituosas contra pessoas transgênero. A transfobia pode ser repulsa emocional, medo, violência, raiva ou desconforto sentidos ou expressos em relação a esse grupo.



No caso do filme *Alice Junior* (2019), ela (Alice) se põe em pé de igualdade, masculina, quando usa a voz grave para defender um amigo *gay*, ali, ela se fez “respeitar” pela imposição da voz, de um timbre grave, másculo, e porque não dizer que, reflete a força, luta em pé de igualdade atendendo os requisitos da heteronormatividade. Dessa forma, um dos participantes da pesquisa, Azul, (2023), nos disse, evidenciando como ele percebe que a imposição da voz em um tom mais grosso, mais grave, seria o que reforçaria se fazer ouvir e ser respeitada naquela demanda que ocorre nas escolas entre adolescentes. E, no caso em questão, conforme reflete o participante, muitas vezes o silenciamento é escolhido para evitar uma maior exposição.

Tanto que Alice usou um tom de voz para evitar aquela briga no pátio da escola[...], ela usou um tom de voz mais grossa, de forma mais grave para intimidar o outro [...] Começo a refletir sobre o silêncio em sala de aula, se não seria em decorrência dessa revelação da própria orientação”. (Azul, 2023).

Nos reportamos à Rogéria<sup>10</sup> sendo entrevistada por Marília Gabriela, no Programa de Frente com Gabi (1988), pois a mesma dissera ao ser entrevistada que para ser **respeitada** (grifo nosso), falava grosso e virava o Astolfo (seu nome de batismo).

A voz mais do que revelar, comunicaria, precisamente, a unicidade, verdadeira, vital e perceptível de quem emite. Assim, uma voz única não sinalizaria nada além de si mesma. Ela comunicaria os dados da existência: a unicidade e a condição relacional, mas também a diferença sexual (grifamos) e idade. (Daiane Neumann, 2018, p.4).

Aqui fica evidente, de como a voz é um marcador, de posição, de espaço, de atuação, de se impor diante das situações apresentadas.

Eni Orlandi, expressa que,

[...] A gestualidade, a relação com o corpo estão orientadas pela fala. Quando alguém se pega em silêncio, rearranja-se, muda a ‘expressão’, os gestos. Procura ter uma expressão que ‘fala’. É a visibilidade (legibilidade) que se configura e nos configura. A linguagem se constitui para asseverar, gregarizar, unificar o sentido (e os sujeitos). [...] o homem exerce seu controle e sua disciplina fazendo o silêncio falar ou, ao contrário, supondo calar o sujeito. (Eni Orlandi, 2007, p. 34).

Daiane Neumann, reforça que “[...] A voz seria, assim, mais que uma simples portadora de palavras que um órgão de fala”. (Daiane Neumann, 2018, p. 8).

Como costumamos dizer, seria um “bálsamo” para os ouvidos, algo bom de ouvir, ou não, dependendo dos critérios anteriormente, estabelecidos. A harmonia dos sons seria coerente para uma aceitação plausível entre voz masculina/feminina, casada/divorciada, com trejeitos, com o ser feminino; o ser masculino; o homem másculo em um padrão esperado e aceito. Harmônicas. A

---

<sup>10</sup>Astolfo Barroso Pinto, mais conhecido como Rogéria, foi uma atriz, cantora, maquiadora e transformista brasileira. Iniciou-se na carreira artística como maquiadora das celebridades na extinta TV Rio. Falecida em 04 de setembro de 2017.



desarmonia, em uma conotação pejorativa, se externaria como preconceito. Assim, a voz, deveria estar em sintonia homem/mulher/corpo.

Essa dissidência entre o ouvir e o ver, seria objeto de preconceitos e exclusões, que revertem em silenciamento dos alunos; dos alunos que não se encaixam; que estão fora do padrão estabelecido na escola, na sociedade, segundo critérios construídos.

Esse silenciamento, por medo de se “entregar” ao se expressar, também foi relatado por outro participante da pesquisa:

[...]às vezes a gente cria uma barreira em torno da gente, mesmo que a gente seja viciado na rede social, no *Instagram*, *Twitter* e quando vai para a vida real a gente fica meio fechado(calado) e acaba criando uma bolha para se proteger por medo e vergonha [...] Poder ouvir a experiência de outras pessoas que [...] inaudível... também dá coragem (Preto, 2023).

Assim, [...] o silêncio não fala, ele significa [...] A partir dessa concepção não o definimos negativamente em relação à linguagem (o que ele não é) mas em sua relação constitutiva com a significação (o que ele é)” (Eni Orlandi, 2007, p. 42).

Quantas vezes fomos e somos silenciados com o "engula", algo tão comum na educação rígida da infância. Esse engula, compreendia o choro e a fala. Fomos ensinados a calar, para não questionar, ou exprimir um sentimento, mas mesmo sem ouvir, o imperativo para calar, algumas pessoas são silenciadas, pelas circunstâncias, por medo de expor uma identidade. Em se tratando de diversidade de gênero, a voz fina, aguda, às vezes esganiçada, funcionaria como um atestado para assumir orientação, o que traduziria a afirmação: sonoridade/identidade/preconceito, como um silêncio forçado, uma forma de se proteger em uma sociedade permeada de preconceitos diversos.

O silêncio forçado por um timbre típico de uma construção cultural que remete ao feminino, remete a calar para não se expor. O dilema entre falar (deixar a voz ser ouvida), e assumir, a sua identidade; sua orientação sexual ou deixar o crivo alheio julgar.

### 2.1.2 Melhor calar – silêncio forçado

Procuramos discorrer sobre o silêncio; o silenciar, diante de um timbre de voz que, possa remeter a um padrão cultural que não seja do emitente, ou seja, voz de homem; voz de mulher, levando em consideração que, conforme narrativas de alguns participantes há um silenciamento, um entrave, por conta do timbre da voz, evitando, assim, a sua identidade de gênero, dessa forma, evitando sofrer preconceito, procurando se resguardar no silêncio.

Interessante o relato de mais um participante, “[...]procuro falar bem baixinho... aí deixo pra lá... assim as pessoas não me ouvem” (Preto, 2023). Quantos sentimentos estão contidos no “deixar pra lá?” O deixar para não sofrer, para não ser identificado? Nesse caso, remete também os diversos



sentimentos contidos que fazem silenciar, a não participar; de evitar a comunicação oral para se resguardar.

Por outro lado, também, aparece o relato de Violeta, “[...] meu irmão, tem voz de homem, fala grosso, nem parece *gay*”. (Violeta, 2023). Reforçando, a questão da voz como marcador que não é associado à identidade de gênero e/ou orientação sexual. A fala (grossa), seria a afirmativa, que permite a exposição da voz, sem temer o preconceito.

### 3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Percebemos que o silêncio é forma, tem significado, muito aquém do silêncio que é atribuído, manutenção da ordem, da atenção, e sim, o trancamento em si, por medo de ser estereotipado, identificado, entre outras formas de silêncio, o que Eni Orlandi (2007), infere como, como ‘mais silêncio’, modulando, os diversos níveis de preconceito, como a voz fina (aguda), esganiçada (gritante); feminina; delicada. Imposição de silenciar para os que destoam.

Que não precise de uma voz máscula para se fazer e ser respeitado. É o esperado sem silêncio, na intersubjetividade dos silêncios. No sentido da identidade, de se identificar a orientação sexual pela voz. Consequentemente, o preconceito, a exclusão das falas que não condizem com a voz; com a orientação no sentido de voz de - homem/mulher -, sendo a voz (timbre), determinante para uma identidade, o que levaria a um silêncio, dos alunos, por conta da sua voz denunciar a sua orientação sexual, onde, posso dizer, parafraseando Djamila Ribeiro<sup>11</sup>, que o lugar de fala é **o lugar de silêncio** (grifo nosso), imposto pelo preconceito, pela xenofobia que Alice sofre por ser nordestina e ter um timbre de voz que já provoca preconceito, além de ser transgênero, e ter uma voz dissidente, distinta de um papel esperado.

As “Ouças, oportunizaram discutir direitos Humanos da população LGBTQIA+, em uma escola da Bacia do Jacuípe, III, no Estado da Bahia, onde, através de encontros denominados “Ouças”. Foram quatro encontros, mas aqui só trazemos o resultado parcial, apenas do primeiro encontro com todos os participantes, uma vez que ainda estamos analisando as narrativas.

A pesquisa do Programa de Mestrado Profissional Educação e Diversidade que discuti direitos humanos da população LGBTQIA+ em uma escola da Bacia do Jacuípe foi autorizada conforme parecer do Conselho de Ética (CE), sob parecer 5.727.334.

---

<sup>11</sup> Djamila Ribeiro, publicou o livro *Lugar de fala* em 2019, onde ela questiona racismo, violência de gênero entre outras questões sociais.



## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena. M. B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. *Revista História da Educação*, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 79–95, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30223>. Acesso em: 29 maio. 2023.

ALICE JÚNIOR. Direção: Gil Baroni. Produção: Andréa Tomeleri (Brasil). Estúdio/Produtora: Beija Flor Filmes. (87 min). 2019.

DE FRENTE COM GABI - (SBT Vídeos). Rogéria. YouTube, 19 de abril de 1988. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=-euq1eZWnKQ> Acesso em: 08 de maio de 2023.

DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FLICK, Uwe. Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes. São Paulo: Penso Editora, 2013.

NEUMANN, Daiane. Ensaio sobre a voz. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 18, n. 1, p. 235- 252, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/WShJXYNcJKb6yRcpc7FShXn/#>. Acesso em 29 de maio 23.

ORLANDI, Eni Pucinelli. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. Campinas SP: Editora da Unicamp, 6ª edição, 2007.

ROLNIK, Suely. Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura. In: LINS, Daniel (Org.). *Cultura e subjetividade: saberes nômades*. Campinas: Papirus, 1997.